

# NOTA DE HOMENAGEM

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA **BAIANO**



Odirirê caros colegas,

Apesar dos negros corresponderem a 53% dos brasileiros, esta população ainda luta contra as diversas formas de racismo, desigualdades sociais e as mais variadas formas de discriminação e marginalização. São cerca de 97 milhões de pessoas e, mesmo sendo a maioria, encontram-se sub-representados no Legislativo, no Executivo, no Judiciário, na medicina, nas universidades, na mídia e em diversos outros territórios de poder.

Em se tratando do gênero feminino, o abismo é ainda maior. Mesmo correspondendo a pouco mais de um quarto da população brasileira, as mulheres negras, além de enfrentarem a condição de negritude, são assoladas todos os dias pelo machismo segregador que impera nos diversos espaços institucionais; nas lutas diárias das mães lutando contra o Estado pela vida de seus filhos; das esposas e das companheiras violentadas e silenciadas; das filhas oprimidas na condição desigual da educação no lar; das profissionais desrespeitadas no jogo desigual do mercado tanto em salários quanto em oportunidades; das prostitutas e das garotas de programa hostilizadas em sua condição social; das transeuntes provocadas por causa de seus corpos e suas vestimentas; mulheres..., sobretudo, mulheres negras violentadas em seus corpos e mentes por uma cultura ainda reproduzida no seio das famílias e dos espaços escolares onde a condição do macho é reafirmada em práticas racistas, misóginas, homofóbicas, sexistas, entre tantas outras formas de violência.

Diante dessa realidade, o Neabi IF Baiano, que é um organismo vinculado à Política de Diversidade e Inclusão e atrelado ao Programa de Educação em Direitos Humanos (PEDH) em atenção às leis 10.639/03 e 11645/08, mas, principalmente às demandas históricas oriundas dos diversos movimentos sociais, nasceu na condição de núcleo de estudos que envolvem Ensino, Pesquisa e Extensão, e que, portanto, não se furta de, em suas práticas diárias, resgatar a história, os valores e a cultura dos povos negros e índios das regiões onde estão assentados, objetivando imprimir novos olhares ao legado dos povos e das nações destas comunidades, empoderando, sobretudo, nossos pretos e pretas ameaçados em sua materialidade identitária.

Especialmente, hoje, os núcleos do Neabi vêm a público homenagear as Mulheres Negras de todos os rincões, aquelas que compõem o quadro desta Instituição em suas diferentes funções, principalmente aquelas que ainda se encontram oprimidas, aquelas que militam, educam e resistem e aquelas que já se foram, mas colaboram nas diversas batalhas e nas conquistas de direitos.

Nesse sentido, diversas unidades do Neabi, nos seus diversos *campi*, estão desenvolvendo, hoje, atividades em consonância com o movimento Julho das Pretas ou ainda, participando de ações desenvolvidas em parceria ou por outras instituições. Como exemplo dessas atividades, temos uma caravana composta por estudantes e professoras, saindo do *Campus* Uruçuca (interior baiano) para participar da conferência com a professora, filósofa, ativista e escritora negra, Ângela Davis, na UFBA – *Campus* Salvador, hoje, a partir das 18 horas. O *Campus* Catu reunirá servidores e estudantes, no auditório do pavilhão II, para prestigiar essa importante conferência. O *Campus* Itapetinga juntou-se ao CRM – Centro de Referência da Mulher, aos movimentos sociais como LGBTQI, Religiões de Matriz Africana e às instituições, UESB e Secretaria de Desenvolvimento Social, para uma atividade de impacto na Alameda Rui Barbosa (Itapetinga-BA) onde realizaram falas esclarecedoras e divulgadoras do protagonismo da mulher negra, recital de poesias, apresentação de cantoras negras, aferição de pressão e do nível de glicemia, dentre outras atividades.

A comemoração da data de hoje é fruto do 1º Encontro de Mulheres Afro-latino-americanas e Afro-caribenhas em 1992, na cidade de Sam Domingo, na República Dominicana. No Brasil, a data foi sancionada pela Lei nº 12.987/2014, como o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra. Tereza de Benguela foi uma líder quilombola, viveu durante o século XVIII. Com a morte do companheiro, Tereza se tornou a rainha do quilombo, e, sob sua liderança, a comunidade negra e indígena resistiu à escravidão por duas décadas, sobrevivendo até 1770, quando o quilombo foi destruído pelas forças de Luiz Pinto de Souza Coutinho e a população (79 negros e 30 índios), morta ou aprisionada.

Professor José Carlos Dias Ferreira, IF Baiano - Campus Uruçuca  
Em nome dos núcleos do Neabi